

IMAGIN(ARTE)

VERÔNICA FERNANDES DIAZ¹; **VANESSA CALDEIRA LEITE²**

¹*Universidade Federal de Pelotas – vvveronicadiaz@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – leite.vanessa@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um relato reflexivo acerca da experiência de estagiar como professora de Teatro na Escola Municipal de Ensino Infantil Ruth Blank (anteriormente a instituição chamava-se Escolinha Municipal de Arte e Infância de Pelotas). Esta escola vem exercendo um papel fundamental na comunidade, central de Pelotas, possibilitando aos educandos o acesso e a interação com as mais diversas manifestações culturais. Mediando e incentivando os pequenos o gosto pela arte; bem como, estimulando o desenvolvimento da percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística. Esta vivência deu-se no ano de 2017 com uma turma de 19 alunos do Pré-2 B, com idade entre cinco e seis anos, com carga horária de 20h.

Logo no primeiro contato, foi possível perceber que, grande parte dos alunos não conheciam ou não sabiam definir o que era o teatro; tampouco posicionar-se em relação ao “o que é arte?”. A partir dos relatos dos mesmos, pôde-se conferir que a maioria possuía como referência o uso de fantoches e poucos mencionaram as peças teatrais que haviam apresentado meses antes, como é de costume na escola. Embora houvesse pouca familiarização com o teatro, houve receptividade por parte da turma e da professora titular, pois havia expectativa de que as aulas de teatro pudesse contribuir e auxiliar os alunos com relação ao espetáculo que estavam participando: O Mágico de Oz.

Mais uma vez pôde-se entender que parte da comunidade escolar ainda considera as aulas e a profissão do professor de teatro como uma forma de criar “pecinhas”. “Pecinha é a vovozinha” como diz Dib Carneiro Neto (2003), autor que destaca “os dez pecados mais comuns cometidos nos palcos de teatro infantil”. A criança é um ser humano capaz de atribuir sentidos e fazer conexões próprias, para tanto a arte é, e deve ser livre, ou seja, a obra tem que deixar espaço para a construção livre de sentidos tanto das crianças como do espectador, seja ele adulto ou criança.

Sendo assim, o desejo foi de promover a importância do ensino de teatro na escola, reafirmando que para que essa importância se configure, é necessário que a prática pedagógica seja feita com atenção e avaliação, baseada em parâmetros, com qualidade, contribuindo portanto para a sobrevivência e intensificando a inserção desta linguagem na escola independente do contexto. Assim, foi pensado o projeto intitulado Imagin(arte), em conjunto com meu colega de estágio Thales Duarte. Acreditando na valorização dos processos criativos em teatro, na relação de ensino-aprendizagem, na Abordagem Triangular (proposta por Ana Mae) e nos três eixos norteadores: produzir, apreciar e contextualizar do PCN-ARTE.

2. METODOLOGIA

As crianças inicialmente possuía um tempo para brincar espontaneamente enquanto a aula era preparada, e o espaço era organizado, permitindo assim, que elas pudessem interagir entre si, com os objetos e brinquedos de forma espontânea, como ressalta Vera Lúcia Bertoni dos Santos, no capítulo ‘Promovendo o Desenvolvimento do Faz-de-Conta na Educação Infantil’ (2002). Após, eram conduzidas para uma roda de conversa, onde compartilhavam suas realizações na aula do dia anterior, relembravam nossas últimas aulas e sobre sua semana, durante estes momentos sempre era ressaltada a importância de ouvir uns aos outros, atentos às novidades trazidas por todos.

Ainda havia um momento de aquecimento, no qual eram utilizadas algumas músicas para trabalhar a expressão corporal, na tentativa de incluir alunos que em um primeiro instante não se sentiam convidados a participar da atividade. Este método passou a funcionar muito bem, tornando-se parte de um “ritual”, onde eles mesmos pediam para dançarem, com isto desenvolviam também a expressão vocal, cantando juntos, o foco e atenção com a coreografia. Estes momentos resultaram na adição da brincadeira “Dança das Cadeiras”, que, por diversas vezes, sucedeu positivamente proporcionando uma notória alegria para os pequenos.

Diversos jogos teatrais foram realizados, buscando ampliar principalmente a interação e senso de coletividade, essenciais para o processo de criação e improvisação, uma vez que se percebeu ser uma das maiores necessidades a serem desenvolvidas na turma. A partir disso, o jogo dramático foi desenvolvido utilizando objetos, figuras e narrativas dando continuidade nas improvisações. Os jogos eram realizados tanto em sala de aula quanto no pátio da escola, sofrendo pequenas adaptações quando necessário. Por meio das histórias criadas com os estímulos, os alunos tiveram a percepção da relação palco x plateia.

Em algumas aulas foram abordadas questões referentes aos fundamentos básicos da linguagem teatral, contextualizando os significados de personagem, figurino, e cenário, por exemplo. Desta forma, deu-se início a um processo de Mediação, com o planejamento de Carlos Eduardo Pérola à escola com a apresentação de “O Reizinho Mandão”, obra de Rute Rocha. Segundo Ingrid Koudela em seu artigo “A Ida ao Teatro”, no âmbito de projetos que visam à formação de público, é toda iniciativa que viabilize o acesso dos espectadores ao teatro. “Desta forma se estabelece uma conquista de autonomia crítica e criativa”, o que refere-se a uma construção de sentidos que nasce a partir de uma experiência sensível, e que a elaboração de significados constitui uma autonomia construída pelo espectador.

Antes de assistirem a peça, os alunos foram instigados a imaginar detalhes sobre os personagens, através de improvisações utilizando a brincadeira já conhecida pelos alunos “Coelhinho Sai da Toca”, que foi adaptada para o “Reizinho Sai da Toca”. Assim eles criavam jeitos de caminhar e se comportar como os personagens, construindo narrativas, e criando desenhos partindo de seus imaginários.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tradicionalmente percorre o imaginário de um grande número de pessoas, inclusive os docentes da educação básica, que quando se ouve falar em aulas de teatro, pode-se resumir o fazer teatral em apenas criações de espetáculos, dispensando todos os outros objetivos intrínsecos ligados à prática artística-teatral. Objetivos estes infinitos e que contribuem para o desenvolvimento físico, motor, além da interação, comunicação, consciência e percepção de sentidos.

Na tentativa de desassociar um pouco o teatro do pensamento de espetacularização, durante as aulas foram introduzidos jogos teatrais, como a caminhada pelo espaço, por exemplo, (SPOLIN, 2008) como meio de criação através da improvisação, e os jogos dramáticos (SLADE, 1978) para que vivenciassem entre si a relação de palco e plateia, além de trabalhar os fundamentos básicos da linguagem teatral realizando ligações com as apresentações que faziam com outras professoras.

Por meio das rodas de conversa, tornava-se perceptivo o quanto era enraizado no pensamento das crianças que a arte estava ligada apenas às artes visuais. Mesmo que diversas vezes foram-lhes solicitados desenhos a fim de, ludicamente captar os resultados obtidos com as reflexões acerca das vivências das aulas. Durante este processo procurou-se incessantemente mostrar outras direções e caminhos a serem percorridos pelos alunos. Pode-se dizer, que todos os papéis foram cumpridos, cada qual a seu modo, unindo suas primeiras experiências na construção de trocas de saberes, com muito empenho, dedicação e carinho de todas as partes.

4. CONCLUSÕES

Enfrentar os medos e permitir-se aprender e ensinar, buscando colocar em prática todos os anseios com relação ao que vem sendo tanto tempo trabalhado, lido, analisado e construído na formação como docente não é tarefa simples: exige determinação para encarar as diversas realidades que cercam o ambiente escolar, mais especificamente no que diz respeito à arte-educação. Mergulhar no universo infantil e viver uma relação de muitas trocas afetivas e intelectuais surpreendeu-me significativamente a cada aula. Perceber transformações na concepção de ideias e costumes envolvendo ambas as partes trouxe uma sensação de dever cumprido e crescimento em todos os sentidos.

Apesar de todas as dificuldades encontradas durante o caminho, o processo foi uma experiência enriquecedora onde foi possível aprender que, as conexões, tanto no campo de ensino-aprendizado, como no pessoal são como uma dança, na qual nos preparamos para conduzir o tempo todo da melhor maneira possível, no nosso ritmo, visando transformações imediatas no que nos parece desalinhado. Até deparar-nos com o fato de que, se nos permitir vez ou outra sermos conduzidos pelo outro, esta pode ser uma lição de apreensão de significados, sentidos e interpretações engrandecedoras. Admitir falhas e contratemplos internos e externos a nós torna-se um impulso e uma motivação para acreditar que não existe certo e errado quando procuramos exercer nossos papéis na busca de uma pedagogia instigante e gratificante para todos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais de 1^a a 4^a Séries: Arte.
Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental,
Brasília: MEC/SEF, 2001.

Jogos Teatrais: **o fichário de Viola Spolin**. 2 ed. São Paulo:
Perspectiva, 2008.

KOUDELA, Ingrid. **A ida ao teatro. Sistema Cultura é currículo**. São Paulo.
Disponível em: <http://culturaeucurriculo.fde.sp.gov.br/Escola%20em%20Cena/>.
Acessado em: 30 nov, 2017.

NETO, Dib Carneiro. **Pecinha é a Vovozinha!** São Paulo: DBA, 2003.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. **Brincadeira e Conhecimento: do faz - de-conta à representação teatral**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil**. São Paulo: Summus, 1978.